

# EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS NUMA ESCOLA PÚBLICA DO SERTÃO ALAGOANO: POR UMA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

## ANTI-RACIST PEDAGOGICAL EXPERIENCES IN A PUBLIC SCHOOL IN THE SERTÃO ALAGOANO: TOWARDS A QUILOMBOLA EDUCATION

Raí Duarte Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O referido artigo versa sobre um relato de experiências pedagógicas de cunho antirracista no decorrer dos dois anos em que tive a oportunidade de exercer a função de coordenador pedagógico numa escola pública da esfera municipal do sertão alagoano, localizada entre as comunidades quilombolas Gameleiro e Guarani, ambas já certificadas pela Fundação Cultural Palmares há uma década. Este esboço busca não somente divulgar as produções exitosas realizadas pela unidade de ensino no que concerne à diversidade étnico-racial já previstas no plano de ação anual, mas refletir sobre a Educação Quilombola. Para este artigo, utilizar-se-á uma pesquisa de natureza qualitativa com principais aportes teóricos dos estudiosos Clóvis Moura; Kabengele Munanga; Ana Paula Brandão; José Maurício Arruti, Edison Carneiro, Zezito de Araújo, além das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, que serão necessárias para aprofundamento dos debates. Nesta perspectiva, serão expostos os projetos didáticos que a unidade realizou ao longo destes dois últimos anos voltados para o respeito à história afro-brasileira, levando toda a comunidade escolar à conscientização, à luta e à abolição de todas as formas de preconceito e racismo, pois acredito que, por meio da educação, a sociedade será mais igualitária e justa.

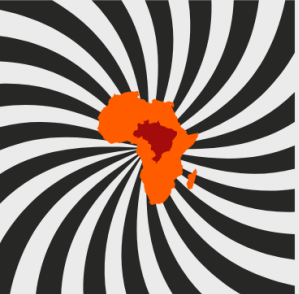
**PALAVRAS-CHAVE:** Experiências. Educação Quilombola. Educação Antirracista.

### ABSTRACT

The aforementioned article is about an account of pedagogical experiences of an anti-racist nature during the two years in which I had the opportunity to exercise the role of pedagogical coordinator in a public school in the municipal sphere of the backlands of Alagoas, located between the quilombola communities Gameleiro and Guarani, both already certified by the Fundação Cultural Palmares a decade ago. This outline seeks not only to publicize the successful productions carried out by the teaching unit regarding ethnic-racial diversity already foreseen in the annual action plan, but also to reflect on Quilombola Education. For this article, qualitative research will be used with main theoretical contributions from scholars Clóvis Moura; Kabengele Munanga; Ana Paula Brandão; José Maurício Arruti, Edison Carneiro, Zezito de Araújo, in addition to the National Curricular Guidelines for Quilombola School Education that will be necessary to deepen the debates. From this perspective, the didactic projects that the aforementioned unit has carried out over the last two years will be exposed, aimed at respecting Afro-Brazilian history, leading the entire school community to raise awareness, fight and abolish all forms of prejudice and racism, as it is believed that through education society will be more equal and fair.

**KEYWORDS:** Experiences. Quilombola Education. Anti-racist Education.

<sup>1</sup> Professor da Educação Básica na Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo de Olho d'Água das Flores – AL. Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação de Professores da Universidade Federal de Alagoas (PPGEFOP/UFAL). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), em Letras Português pelo Claretiano Centro Universitário e em Letras Inglês pela UniBF Centro Universitário. E-mail: raiduartesilva30@gmail.com.



## 1 INTRODUÇÃO

O presente esboço surgiu a partir de uma inquietação pessoal ao ter presenciado na escola, enquanto professor de Educação Infantil, diversas situações preconceituosas entre as crianças e, por falta de experiência, não saber lidar com a situação nefasta. Essa mesma inquietação eclodiu quando eu exercia a função de coordenador pedagógico numa escola pública da região do médio sertão, mais precisamente no território da cidade de Olho d'Água das Flores, em Alagoas.

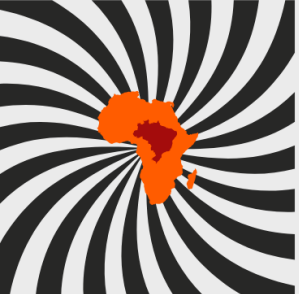
Este estudo trata-se de um relato de experiências pedagógicas antirracistas desenvolvidas por esta unidade em foco que, desde 2007, oferta as modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos. Nos últimos dois anos, vem atendendo aproximadamente oitenta educandos que são oriundos das comunidades quilombolas que ficam em seu entorno: Gameleiro e Guarani, ambas certificadas pela Fundação Cultural Palmares na década dois mil.

A intenção precípua deste estudo não se faz somente na divulgação dos projetos escolares, mas também em buscar compreender a necessidade premente de um currículo efetivo, um projeto político pedagógico dialógico e toda a gama de ações que são desenvolvidas no seio escolar e voltadas para uma Educação Quilombola conforme suas Diretrizes.

Assim, buscando refletir sobre as possibilidades, os anseios, os desafios e as prioridades para melhor atender aos estudantes e garantir-lhes a manifestação da cultura, dos saberes e fazeres ancestrais que há muito tempo lhes foram negados pela sociedade por causa de inúmeros fatores como a escravização e o racismo.

Diante disso, as ações projetadas a cada início de ano letivo consideram relevante a trajetória dos grupos remanescentes de quilombos e, por atender a estudantes oriundos dessas comunidades, senti-me na obrigação de conscientizar toda escola quanto à educação quilombola e colocá-la na pauta das atividades de sala de aula e gestão escolar.

Enquanto escola, a meta foi oportunizar projetos e atividades voltadas à conscientização e ao combate da discriminação racial, abolindo as formas de opressão seja nos discursos ou nas ações, fazendo reconhecer a tradição e a memória das comunidades quilombolas, já que numa sociedade contemporânea é preciso respeitar as diferenças e procurar entender que, como educadores, essas contribuições se fazem estritamente relevantes para uma sociedade mais justa e igualitária.



## 2 QUILOMBOS: LUTA E RESISTÊNCIA

A diversidade cultural no Brasil é muito expressiva: danças, culinária, músicas, religiões, festividades, brincadeiras e vestimentas. Furtado (1991, p.13) externa que a cultura africana está dentro de cada brasileiro: na música, na religião, nos alimentos, na formação dos hábitos, costumes, crenças [...].

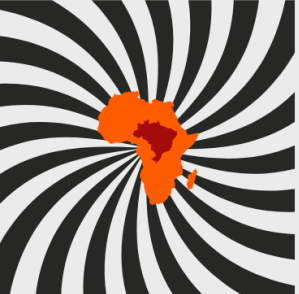
Hoje podemos dizer que essa influência está na ciência (que até pouco tempo era considerada um legado exclusivo dos portugueses), nos modos de curar doenças, na engenharia, nos modos de construir, na arquitetura, na estética, na culinária (Brandão, 2006, p. 61). Lody (2006, p.68) corrobora quando ressalta que o Brasil é o país que reúne o maior número de afrodescendentes. Essa forte presença é fundamental na formação do povo brasileiro.

Das organizações dos negros destacaram-se os Quilombos, um espaço autônomo, onde os descendentes de escravizados fugidos, no período colonial da história do país, mantêm suas tradições e legado até hoje. Na Colônia, bastava que cinco escravos fugidos se reunissem, ocupassem ranchos permanentes e possuíssem um pilão para caracterizar a formação de um quilombo (Arruti, 2017, p. 109).

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra (Munanga, 1996, p. 58).

Conforme os escritos de Munanga (1995 apud Leite, 2000, p. 336), o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata. Os quilombos brasileiros podem ser considerados como uma inspiração africana, reconstruída pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de outra forma de vida, de outra estrutura política na qual todos os oprimidos são acolhidos (Brasil, 2012). Imitavam o modelo africano, pois eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos) (Munanga, 1996, p.63).

Quilombo era, segunda definição do rei de Portugal, [...] toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles (Moura, 2021, p.23). Na verdade, os quilombos, deste modo, foram - para usar a expressão agora corrente em etnologia - um fenômeno contra aculturativo, de rebeldia contra os



padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos (Carneiro, 1958 p.14).

No Brasil colonial, Palmares foi a maior comunidade de fugitivos, datando de 1597 a primeira referência a ela. Localizada entre Alagoas e Pernambuco, estabeleceu-se no coração do Império português no Atlântico Sul (Gomes, 2011, p.13). Seu nome se deve à existência da palmeira pindoba em toda a região (Araújo, 2021, p. 43).

A história dos Quilombos dos Palmares foi, então, marcada principalmente pela resistência e possuía uma estrutura de poder com um chefe político, militar e religioso. O mais conhecido líder foi Zumbi dos Palmares: um símbolo de luta e resistência ao modelo escravocrata, vigente na época do Brasil Colonial. Ele não é uma lenda ou apenas um mito, mas o exemplo tricentenário de autoestima que nossas escolas querem perpetuar. Um jovem pobre e oprimido, mas com enorme liderança e espírito coletivo (Moura, 1995, p.01).

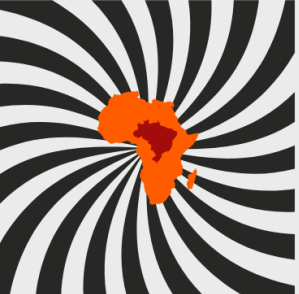
Ainda conforme Moura (2021, p.49), Palmares foi a maior manifestação de rebeldia contra o escravismo na América Latina. Durou quase cem anos, durante esse período, desestabilizou regionalmente o sistema escravocrata.

Não obstante, Zumbi dos Palmares foi morto em 20 de novembro de 1695, data que até hoje celebramos a luta e resistência deste líder contra a escravidão, um dia que enaltecemos a Consciência Negra, uma luta contra toda forma de racismo, humilhação, preconceito e discriminação.

Zumbi cresce, por isto, como afirmação política e autenticidade étnica, à medida que o tempo passa e os símbolos da história vão sendo reformulados a favor dos oprimidos e discriminados (Moura, 1995, p.02).

Com isso, o dia 20 de novembro (data em que se registra a dramática morte do líder político e militar negro Zumbi dos Palmares) é proposto como data alternativa ao treze de maio (no qual o destaque é dado ao ato formal e oficial de assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel) [...] (Silveira, 1997 apud Arruti, 2017, p.111). Nessa data, escrevia-se no solo alagoano, com o sangue da negritude, uma das mais belas e heroicas páginas da história do homem em busca da liberdade, da igualdade e da justiça (Assis et al, 2021, p.193).

Por fim, conforme Araújo (2021, p.89), Alagoas é a Terra da Liberdade, Terra de Quilombolas.

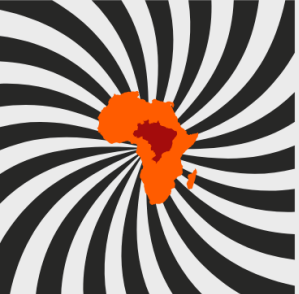


### 3 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS: POR UMA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

A Unidade de Ensino, onde se realizaram essas ações, está situada entre os Quilombos Gameleiro e Guarani, subscritos no território da zona rural do sertão alagoano, mais precisamente no município de Olho d'Água das Flores. Ao longo dos anos, a escola vem trabalhando temas voltados à cultura quilombola, uma vez que, segundo as orientações contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, a Educação Quilombola Escolar é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade [...] (Brasil, 2010, p.42).

Além disso, busca-se atender às exigências da Lei nº 10.639/03, sempre alerta à prática reflexiva, à crítica amorosa e à participação ativa dos interlocutores (Brandão, 2010, p. 06). Inclusive, há uma tradição de festejar a cultura afrodescendente em novembro, mês dedicado à Consciência Negra. Na verdade, o intuito é discutir com a comunidade escolar as propostas que acolham à diversidade cultural e a articulação crítica dos reais interesses de uma educação afro-quilombola, separada da exclusão social, buscando no coletivo da escola e na comunidade o que pode ser modificado mediante um processo reflexivo e flexível na compreensão deste contexto educacional.

A primeira experiência antirracista aconteceu no dia 20 de maio do ano letivo de 2022, quando a equipe gestora e corpo docente resolveram realizar o “Dia das mães”, oferecendo-lhes várias oficinas: maquiagem, escova, corte de cabelo, designer de sobrancelhas, além de sorteios e palestras. Nosso objetivo foi atender ao que preceitua Santos (2022, p.35) quando afirma que as instituições escolares localizadas em quilombos ou fora deles [...] possibilitem uma aproximação maior entre escola e comunidade. Fomentou-se, assim, [...] a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Brasil, 2012).



**Figura 1** – Projeto Dia das Mães



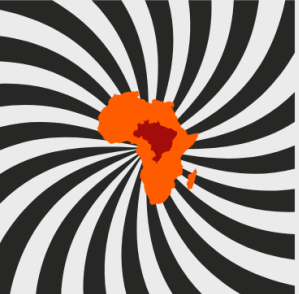
**Fonte:** Arquivo da Escola, 2022.

Estas oficinas foram realizadas por profissionais que se dispuseram solidariamente, como amigos da escola. Foi um dia marcante, no qual foram desenvolvidas atividades de empoderamento feminino e de pertencimento. Aprendizes de corpo inteiro porque seremos convidados, desafiados a aguçar todos os nossos sentidos para perceber a presença negra/africana em nossa vida, em nosso entorno, em nosso próprio corpo (Brandão, 2006, p.19).

Aproveitando o ensejo, foram abordados assuntos sobre a saúde da mulher, os cuidados com sua saúde íntima e mental, enaltecendo sua autoestima. Os profissionais especializados, como enfermeiros e psicólogos, compareceram a convite da escola. Nosso intuito foi buscar pela informação, abrir-se para mudanças, para que aquilo que aprendemos possa redesenhar nossas atitudes e nossos movimentos de corpo, enfim, transformar as expressões de nosso entendimento mais profundo (Brandão, 2006, p.16).

A segunda experiência aconteceu em 21 de setembro de 2022, quando as professoras da Educação Infantil decidiram elaborar o Projeto “Piquenique Literário”, com o intuito de contar histórias da literatura negra à sombra de uma árvore que fica nos arredores da escola. Nas salas de aula podemos não apenas influenciar as mentes de crianças e jovens e desconstruir preconceitos, como também dar a futuras gerações as ferramentas necessárias para romper com as barreiras raciais (Acosta, 2022, p.01).

Foi um momento rico ao sabor de frutas, sucos saudáveis e muita leitura. Essa ação procurou valorizar contos afro-brasileiros infantis tais como: *Menina Bonita do Laço de Fita*, *A Galinha D'Angola*, *O Cabelo de Lelé e Pretinho*, *Meu Boneco Querido*, para melhor exemplificar. O ato de leitura



é um ato cultural e social [...]. É quando o professor organiza o ambiente de tal forma que haja um local especial para livros, gibis, revistas e que seja aconchegante para que as crianças possam manipulá-los e “lê-los” em momentos organizados ou espontaneamente (Brasil, 1998, p. 135). Nessa perspectiva, é preciso olhar nossa brasilidade e nossa africanidade com encantamento, sendo capazes de nos olhar no espelho e ter orgulho da nossa ascendência negra/africana (Brandão, 2006, p. 20).

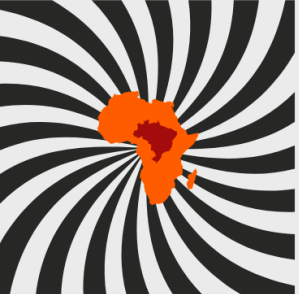
**Figura 2** – Projeto Piquenique Literário



**Fonte:** Arquivo da Escola, 2022.

A terceira experiência aconteceu no dia 25 de novembro de 2022, quando a comunidade escolar celebrou o Dia Nacional da Consciência Negra, com o tema Quilombo em Festa. Foi um momento voltado ao combate na escola ao preconceito racial e voltado ao reconhecimento do território quilombola como berço de cultura, território de luta e resistência, já que os quilombolas são considerados comunidades e povos tradicionais, [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuidores de formas próprias de organização social [...] (Brasil, 2012, p. 02).

Nesta ocasião, o Grupo Liberdade Capoeira abrilhantou a festa, pois é uma expressão cultural afro-brasileira que zela pela garantia do direito à Educação Escolar Quilombola às comunidades quilombolas rurais e urbanas, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais (Brasil, 2021, p. 05). Deste modo, a defesa pelo direito à educação das comunidades quilombolas, assim como de outras etnias, é pautada pela garantia da consolidação e preservação da historicidade, sustentabilidade e sociabilidade desse povo (Alagoas, 2010, p.59).



**Figura 3** – Projeto Quilombo em Festa



**Fonte:** Arquivo da Escola, 2022.

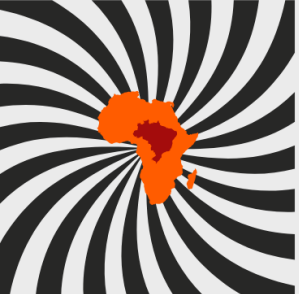
A quinta experiência aconteceu no dia 15 de novembro de 2023, com o Projeto Afro: Nossa gente, nossas raízes, abordando sobre os cantores negros brasileiros, aulas de Língua Portuguesa focadas na produção textual sobre racismo, aulas de História calcadas na beleza africana, aulas de Arte com pinturas, colagens, cartazes, bem como inúmeras apresentações culturais das turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, com a interpretação das músicas: Tambores de Palmares, Sorriso Negro e Bate Lata; além das clássicas dramatizações sobre a Assinatura da Lei Áurea e a Abolição da Escravatura.

**Figura 4** - Projeto Afro: nossa gente, nossas raízes



**Fonte:** Arquivo da Escola, 2023





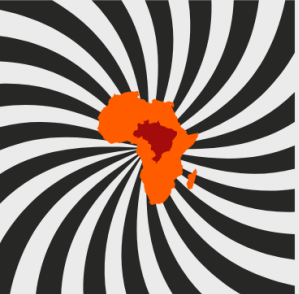
A última experiência ocorreu em 06 de dezembro de 2023, na qual a Escola participou do Desfile Cívico em alusão aos 70 anos do nosso município. Os alunos desceram a avenida principal defendendo um mundo com mais empatia e respeito, abolindo toda forma de discriminação e racismo. Segundo Araújo (2008, p. 07), “Queremos a cultura vista não como algo exótico, mas como um instrumento transformador. Algo para ser visto, sentido e entendido. Na mesma medida, a união entre pessoas, povos, nacionalidades e culturas deve ser estimulada”. Devem ser respeitados os princípios que regem a Educação Escolar Quilombola como o respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira, os quais são elementos estruturantes do processo civilizatório nacional e a proteção das manifestações da cultura afro-brasileira (Brasil, 2012).

**Figura 5** – Ensaio para o Desfile Cívico



**Fonte:** Arquivo da Escola, 2023

Foi um momento ímpar que culminou no término da minha jornada pedagógica na referida instituição de ensino. Todas essas experiências marcaram minha trajetória enquanto pedagogo e me fizeram a valorizar a diversidade e melhor compreender o letramento racial como um processo de apropriação de saberes e fazeres que questionam os preconceitos, os estereótipos e o racismo, os quais se fazem presentes no contexto escolar e, assim, buscar caminhos para abolir quaisquer formas de humilhação e opressão, visando à construção de sociedade mais digna e igualitária. O caminho de uma pedagogia antirracista é não apenas necessário, mas também indispensável (Guimarães et al., 2023, p.40).



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

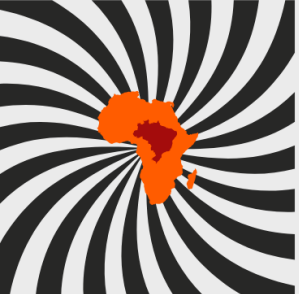
É indubitável que vivemos em um mundo plural. Viver em sociedade implica a necessidade de uma postura antirracista e respeitosa em relação às diferenças – essa tende a ser uma condição comum até para quem busca compreender a ética ou a justiça (Brandão, 2006, p.11). Sendo assim, cabe-nos respeitar essas diferenças, principalmente no que tange à abolição de toda e quaisquer formas de opressão, preconceito, discriminação, humilhação e racismo, principalmente dentro do ambiente escolar.

É o que outrora vem nos orientando há décadas a Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) com seus mecanismos de valorização da cultura afro-brasileira e com a relevância preponderante na disseminação de seus conhecimentos e saberes ancestrais. Estou falando, portanto, não de uma lei específica, mas, sim, da legislação que rege toda a educação nacional, de acordo com o que complementa Gomes (2010, p.21). A lei não deve ser vista como uma nova disciplina ou metodologia a ser empregada, porém como a possibilidade de novos diálogos e novas posturas, a fim de se ter uma educação transformadora [...], consoante ao que ratifica Oliveira (2010, p.56).

Os relatos de experiências antirracistas almejam possibilitar um posicionamento mais crítico frente à realidade social em que vivemos, pois infelizmente o racismo ainda permanece vivo nas entranhas da sociedade. Neste sentido, devemos estar cômicos de que a valorização do ser humano perpassa o preconceito, o racismo e a opressão, tal como já esbravejava Freire (2000), já que, desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.

Deseja-se que as comunidades quilombolas permaneçam vivas como fruto do processo de construção de nossa nação. Que possamos, enquanto educadores, denunciar e repudiar toda forma de discriminação e preconceito, tornando isso uma forma de compromisso e esperança na luta antirracista dado que o enfrentamento das questões derivadas das relações étnicas e raciais encontra-se, certamente, entre os maiores desafios da humanidade no século XXI (Paixão, 2006, p.23).

Uma educação antirracista é estritamente relevante para uma sociedade mais humana, justa e igualitária.



## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Pablo. **A educação como ferramenta para combater o racismo**. Folha de São Paulo: 2022.

ALAGOAS. **Referencial Curricular da Educação Básica para as Escolas Públicas de Alagoas**. Maceió: SEE, 2010.

ALAGOAS. **Estudo sobre as comunidades Quilombolas de Alagoas**. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. Maceió: SEPLAG, 2015.

ARAÚJO, Zezito. **Quilombos dos Palmares: negociações e conflitos**. 2ª ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2021.

ARRUTI, José Maurício. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 12, n. 23, jan/abr de 2017.

ASSIS, José Santino de [et al]. **Novo atlas escolar Alagoas: estudo geo-histórico e cultural**. 1 ed. Maceió: M Veras, 2021.

BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres**, v.1: modos de ver - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº 10.639, de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção 1, p.1, 9 jan. 2003.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: 2004.

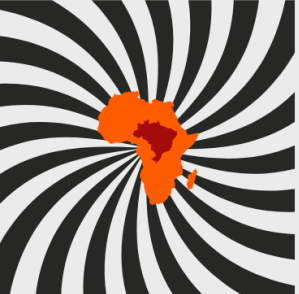
BRASIL. Resolução CNE/CEB n. 8, de 20 de novembro de 2012. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, 2012.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília: 2012.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombos dos Palmares**. São Paulo: Editora Nacional, 1946.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.



FURTADO, Maria Cristina. **Pretinho, meu boneco querido**. São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

GUIMARÃES, Vilma [et al.]. **Por uma educação antirracista: trilhos da alfabetização (Pará)** / Rio de Janeiro: FGV/DGPE, 2023.

GOMES, Flávio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei no 10.639/03: breves reflexões**. In: Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres / [organização Ana Paula Brandão]. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

LODY, Raul. **A herança africana está por toda parte**. In: BRANDÃO, Ana Paula. Saberes e fazeres, v.1: modos de ver - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

MOURA, Clóvis. **300 Anos de Zumbi dos Palmares**. São Paulo: Nívia, 1995.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 5ª ed. - Teresina: EdUESPI, 2021.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo (28): 56 -63, DEZEMBRO/FEVEREIRO 95/96.

OLIVEIRA, Cristiane Coppe de. O programa etnomatemática e as possibilidades de implementação da lei nº 10.639/03. In: BRANDÃO, Ana Paula. **Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres**. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

PAIXÃO, Marcelo. Desigualdade nas questões racial e social. In: BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres**, v.1: modos de ver - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

**Enviado em: 02/08/2024**

**Aceito em: 09/01/2025**